

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NO TERRITÓRIO VULNERÁVEL DA FAVELA DO MOINHO

Julia Cerpe Rosa (IC) e Daniela Cristina Getlinger (Orientador)

Apoio: PIBIC Mackpesquisa

RESUMO

O artigo relata o resultado da pesquisa realizada com as crianças da Favela do Moinho, pequena comunidade da região central de São Paulo, localizada entre os bairros de Campos Elíseos, Barra Funda e Bom Retiro, que se encontra enclausurada entre os trilhos do trem da linha Rubi e Diamante da CPTM. Com as crianças frequentadoras do Centro da Criança e do Adolescente Oratório São Domingos Sávio, foram desenvolvidas atividades, seguindo a metodologia apresentada no livro *“Growing Up in a Urbanising World”* (CHAWLA, 2002), que tem como objetivo compreender o território a partir da perspectiva da criança. O mapeamento da comunidade foi guiado pelas crianças que mostraram seus lugares favoritos, os espaços de brincadeira marcando a localização dos mesmos sobre o mapa da Favela do Moinho e, por meio de desenhos, mostraram como gostariam que esses espaços fossem transformados. Essa atividade evidenciou a demanda de uma quadra poliesportiva, num dos poucos espaços não ocupados na comunidade. Seguiu-se então para o levantamento das medidas do terreno designado ao projeto, atividade desenvolvida com as crianças e, através de um ateliê, realizou-se o projeto arquitetônico da quadra poliesportiva, com o apoio dos alunos de arquitetura e urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie e dos docentes Daniela Getlinger e Rodrigo Loeb.

Palavras-chave: Território vulnerável. Crianças. Espaços de brincadeira.

ABSTRACT

The article reports the research realized with the children from Favela do Moinho, a little community in the central zone of São Paulo, between the neighborhoods of Campos Elíseos, Barra Funda and Bom Retiro, that is enclosed by the train rails of line Ruby and Diamond of CPTM. Were developed activities with children attending the Center of Child and Adolescent Oratório São Domingos de Sávio. The applied methodology follows the model presented in the book *“Growing Up in a Urbanising World”* (CHAWLA, 2001), and has the purpose of understanding the territory from the child's perspective. The mapping of the community was guided by the children who showed their favorites places, the playing spaces. Through drawings, the children showed how they would like that these especial spaces would be and highlighted their location on the map of Favela do Moinho. This activity evidenced the demand for an architectural design of a sports court emerges, the measurement of the land

designated for the project was executed by the children. Through an atelier, the architectural design of the sports court was carried out with the support of the students of Architecture and Urbanism of the University Presbyterian Mackenzie and the professors Daniela Getlinger and Rodrigo Loeb.

Keywords: Vulnerability Territory. Children. Playing Spaces.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, 31,5% da população vive em situação de pobreza, segundo Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílios (PNAD) divulgada em 2006 pelo IBGE. De acordo com Kohara (2009), a problemática da pobreza no Brasil está relacionada à questão da concentração da riqueza, gerando como consequência o desequilíbrio de oportunidades. (KOHARA, 2009)

Na cidade de São Paulo, com o crescimento acelerado da economia e da população, a partir do final do século XIX, os trabalhadores com baixo salário passam a ter como alternativa habitacional os cortiços, as autoconstruções em loteamentos irregulares nas periferias e as favelas. Essa alternativa de moradia atrelada à omissão do poder público, leva a população pobre para regiões de território vulnerável, sem infraestrutura urbana (abastecimento de água e energia elétrica, captação do esgoto e pavimentação nas ruas), com serviços precários (transporte coletivo e coleta de lixo) e sem equipamentos sociais (escola, creches, hospitais e parques). (KOHARA, 2009)

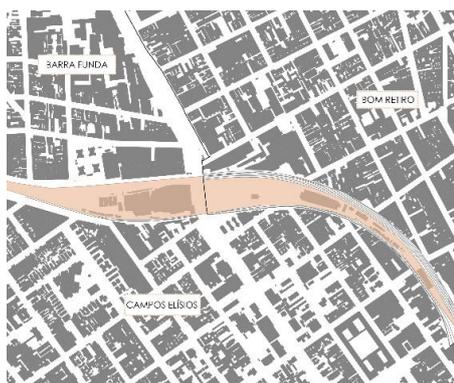
Antônio Batista e Hamilton Carvalho Silva (2013, p.31) intitulam como “territórios vulneráveis”: [...] os espaços criados nas metrópoles pelas desigualdades socioespaciais e que conjugam [...] isolamento espacial e grande concentração de baixa renda e escolaridade, implicando, desse modo, segregação socioespacial, bem como reduzido acesso da população a direitos básicos. Geralmente permeados por construções ilegais, que correm o risco de serem removidas a qualquer momento, esses territórios são apropriados por falta de opção, o que torna mais difícil a identificação dos moradores com o local. Sua situação econômica e as condições precárias do território se assemelham. O território vulnerável é marcado pela ausência de controle; é um local onde as leis não são cumpridas e os direitos dos cidadãos não são respeitados. Mas, não se pode negar a existência, nesses locais, de alguma liderança que ali reside e, de certa maneira, domina e controla o ambiente. Esse domínio é político e as leis que lá vigoram são o resultado de acordos pontuais que variam de uma região para a outra. (PARDO, 2017)

Segundo o artigo 3 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. Prosseguindo com o que declara a Constituição Federal, todos deveriam ter o direito à moradia, que deve ser digna como escrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU e por fim, como comprometido em várias Conferências do Habitat, uma moradia para as crianças deve ser um lugar seguro e saudável, facilitando os cuidados infantis e satisfazendo as necessidades básicas físicas, sociais, culturais e psicológicas. No entanto, como observa Kohara (2009), a realidade

brasileira é bem diferente. É absurda, desigual e injusta, revelando que as leis não são cumpridas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, escolheu-se como recorte territorial, a Favela do Moinho, localizada na região central da cidade de São Paulo, entre os bairros Campos Elíseos, Barra Funda e Bom Retiro. De formato oblongo e com aproximadamente 20.000 metros quadrados, a área tem seus limites bem definidos por se encontrar enclausurada entre os trilhos da ferrovia Sorocabana e da Paulista Railway, atualmente linha Rubi e Diamante da CPTM. É caracterizada por ser uma região murada e isolada do entorno imediato da cidade, só existindo um acesso à favela que se faz por baixo do viaduto Engenheiro Orlando Murgel, sendo necessário atravessar as linhas do trem da CPTM para adentrar na comunidade do Moinho. Técnicos da ferrovia orientam a população a respeitar as cancelas durante a travessia do trem em horário comercial. Durante a noite, entretanto, não existe esse auxílio, o que faz da travessia dos trilhos, um acesso perigoso. (GETLINGER; LOEB, 2018)

Figura 01 e 02: Localização do território da Favela do Moinho e retrato da Favela a partir do Viaduto Engenheiro Orlando Murgel.



Fonte: imagens autorais, 2018.

Antigamente a região era de uso industrial, abrigando algumas unidades das Indústrias Reunidas Matarazzo. Na década de 1980, com o declínio do grupo Matarazzo, o Moinho Central encerrou suas atividades, passando para o controle da Rede Ferroviária Federal, que manteve a área inativa por décadas (PEIXOTO, 1998)

A devastação da região foi confirmada quando Peixoto analisou as zonas industriais para o evento Arte/Cidade, em 1998, constatando que “em nenhuma outra parte da cidade a destruição e o abandono foram tão sistemáticos e intensos. Ali surgiu uma área de degradação, desprovida de vida, onde impera uma sensação de decadência, de desorganização e perda”. Foi nesse contexto de território arruinado, excluído da vida urbana que aconteceu a grande ocupação entre 2000-2002, porém a chegada de novos moradores se mantém constante ao longo das últimas décadas, principalmente desde 2005, devido à

expulsão dos moradores em situação de rua da região conhecida como Cracolândia¹. Atualmente, calcula-se que a área ocupada irregularmente abriga uma população moradora de cerca de 1000 famílias, com uma densidade populacional estimada em 3.000 habitantes por quilômetro quadrado. (GETLINGER; LOEB, 2018)

Em 2017, a Favela do Moinho ganhou visibilidade para a polícia e prefeitura, órgãos que visavam então um plano de remoção, por acreditarem que as drogas que abastecem a Cracolândia saiam daquela região, em entrevista à Rádio USP, Raquel Rolnik (06/07/2017) observou que, em nome do combate do tráfico de drogas, a prefeitura estava entrando no território e transformando o conjunto de pessoas que moram, trabalham e atuam nesse local, em criminosos e sujeitos a serem removidos de seus lares. “A intervenção é necessária, mas definitivamente não dessa maneira”. Primeiramente, por não existir nenhum projeto de relocação desses indivíduos e em segundo lugar, porque a região da Favela do Moinho no plano diretor de São Paulo aparece como Zona de Interesse Social, com objetivo de urbanizar, garantindo melhores condições de vida para as pessoas que residem lá.

A pesquisa em questão pretende mostrar a Comunidade do Moinho a partir do olhar das crianças. Estima-se há cerca de 4.000 crianças moradoras na região, que devem ter voz para relatar mudanças necessárias dentro do território, mostrar os pontos mais críticos da comunidade e discutir possíveis melhorias no que diz respeito à infraestrutura urbana e equipamentos sociais.

Algumas instituições atuam no território, visando a melhoria da qualidade de vida das crianças e adolescentes da Favela do Moinho. Desde 2005, a Comunidade conta com auxílio da Associação Aliança de Misericórdia, que possui a creche São Miguel Arcanjo, localizada próxima à entrada da favela, é uma creche particular conveniada que atende as crianças da comunidade, com capacidade para cerca de 110 crianças e o Centro da Criança e do Adolescente (CCA), Oratório São Domingos Sávio, espaço de auxílio quando as crianças não estão no período escolar, com capacidade para 120 crianças. (<https://www.atados.com.br/ong/oratoriosadomingos>) O trabalho do Oratório dentro da comunidade vai além de um reforço escolar. É um local que tenta suprir ao máximo às necessidades daquelas crianças. Daniel Aparecido Bulhões da Silva, diretor pedagógico, define o Oratório como sendo o “cuidar”, uma maneira de ampliar o conhecimento dessas crianças e adolescentes, mostrando a possibilidade de um mundo diferente, melhor. Já para

¹ Área localizada no centro da cidade de São Paulo, no bairro de Santa Ifigênia, onde historicamente se desenvolveu um intenso tráfico de drogas e ações de meretrício. Desde 2005, com o projeto Nova Luz da gestão José Serra – Gilberto Kassab, a prefeitura intervém na área com a realização de uma operação consorciada de desenvolvimento imobiliário.

Élida de Freitas Fernandes, coordenadora, o Oratório São Domingos é uma ponte de oportunidades, levando novos olhares, novas perspectivas de mundo e novas oportunidades.

O Instituto Campana atua junto com o Oratório desde 2013, realizando diversos projetos voltados para crianças e adolescentes que têm impacto direto na vida da população local. Um dos projetos realizados intitulado “Casa dos Sonhos”, em parceria com o SESI, consistia em uma oficina de trabalho com papelão, instigando as crianças a construir a cidade onde eles gostariam de morar, chamada “Cidade Moinho do Futuro”. (<https://www.institutocampana.org.br/blank>). “O que eu queria nessa favela? ” A resposta das crianças a essa pergunta é revelada com a finalização da maquete, que retrata expectativas e sonhos, como por exemplo, a existência de um hospital, de uma floricultura, e que o Moinho seria a sede dos jogos Olímpicos. Segundo Ian Diesendruck, designer e coordenador de projetos no Instituto Campana, é notório que as crianças não criaram só uma cidade, mas também cidadania.

Durante o período de pesquisa foram feitas visitas com o objetivo de conhecer melhor a realidade dos moradores da Favela do Moinho e estabelecer um contato próximo com as crianças e os colaboradores do CAA, o que proporcionou a oportunidade de ajuda-los com campanhas de doações de roupas e brinquedos, arrecadação de fundos com objetivo de comprar presentes de Natal e ovos de Páscoa para as crianças.

Figura 03 e 04: Entrega dos presentes de Natal e dos ovos de Páscoa para as crianças do Oratório São Domingos de Sávio.



Fontes: fotos autorais, 2018/2019.

Iniciativas como da Associação Aliança de Misericórdia e do Instituto Campana têm impacto positivo na vida das crianças da comunidade, porém isso não atende à demanda total. Constatou-se que muito ainda há de ser feito em prol da melhoria da qualidade de vida das crianças moradoras da comunidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo a Organização Mundial de Saúde, uma grande parcela da população urbana vive em condições de risco de vida e saúde proporcionados por fatores arquitetônicos e urbanísticos, como terrenos inadequados para a construção de residências, casas superlotadas e precárias, localizadas em áreas que carecem de infraestrutura, serviços e comodidades básicas. Essas condições de vulnerabilidade geram consequências particularmente importantes para as crianças e adolescentes, uma vez que se tornam mais suscetíveis de que os adultos a serem afetadas pela ambiência em que estão inseridas e mais propensas a terem repercussões a longo prazo. Pesquisa na área do desenvolvimento da saúde urbana indica que a taxa de mortalidade entre crianças abaixo de cinco anos é de quase 12 milhões a cada ano, a maioria por causas relacionadas ao ambiente em que vivem. (BARTLETT, 1999)

O ambiente tem a potencialidade para contribuir com a capacidade de desenvolvimento, portanto, as crianças necessitam de espaços apropriados para poderem interagir e se desenvolver plenamente. Vivências ganham significados representativos para a construção da identidade da criança. “Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou de opressão” (LIMA, 1989). Os espaços urbanos disponíveis para as crianças pobres, em geral, apresentam condições inadequadas de apoio no que diz respeito ao desenvolvimento humano e social. (KOHARA, 2009)

É no habitat que as crianças experimentam todos os sentidos, vivenciando as sensações, as percepções, conhecendo dimensões, percebendo as proporções, exercitando a afetividade e vivenciando a liberdade, os limites e os medos. As experiências dos sentidos e a relação com o espaço possibilitam a construção da identidade com o lugar. “A criança necessita conhecer, perceber, trabalhar o espaço para formar imagens mentais que auxiliarão em suas atuações futuras.” (OLIVEIRA, 2002)

Outro espaço importante para o desenvolvimento saudável das crianças é o espaço da interação com as outras crianças, ou seja, onde ocorrem as brincadeiras. É através do brincar com liberdade que é exercitado a criatividade, experimentado a coordenação motora, o desenvolvido, a sensibilidade e adição de novos conhecimentos à mente. (KOHARA, 2009). As crianças aprendem sobre elas mesmas e sobre o ambiente que vivem realizando atividades como escalar, balançar, pegar, rastejar, pular, correr, rolar, andar, entre outras atividades. (COSCO, 2007) “Brincar é a força motivadora que produz atividades físicas e interação social com outras crianças e adultos” (COSCO, 2007, p.125). O projeto cities4kids urban95 da Fundação Bernard van Leer (2014) discorre sobre problemas que podem

influenciar negativamente o desenvolvimento da criança na primeira infância. Dentre eles, listam que as condições precárias da comunidade onde as crianças vivem dificultam o acesso ao esporte e recreação; a falta de espaços públicos seguros e adequados para a criança brincar pode prejudicar as habilidades físicas e a sociabilidade da mesma com outras crianças, evidenciando a importância que os lugares de brincar têm para o progresso da criança.

“O espaço é necessário e imprescindível, para que a criança trabalhe os seus sentidos, seus movimentos, preste informações para a mente, brinque, crie, observe a natureza e socialize. Observa-se também que a percepção do espaço da criança é diferente da do adulto. Enfim, o espaço é básico para o desenvolvimento da criança” (OLIVEIRA, 2002)

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada na pesquisa se baseia em exemplos de intervenções utilizadas em diferentes comunidades do livro *“Growing Up in a Urbanising World”* (CHAWLA, 2002) Como uma forma de buscar a melhoria na qualidade de vida das crianças da Comunidade do Moinho, são analisadas e posteriormente aplicadas, as atividades descritas no livro, que levam em consideração a opinião das crianças, de forma que as prioridades de atuação são definidas por elas.

O trabalho em campo divide-se em oficinas, entrevistas, fotografias e visitas. Dentre as descritas no livro, destaca-se as atividades realizadas em Boca-Baraccas, bairro de Buenos Aires, Argentina, que organizou a oficina de fotografia, retratando imagens do mapeamento feito pelas crianças da comunidade, documentando a vida social deles, o ambiente poluído, os seus lugares favoritos, suas casas e os marcos do território, e a oficina de desenho sobre o mapa da comunidade, atividade na qual as crianças demarcavam os pontos críticos, os locais de brincadeira, os lugares especiais e aqueles que devem ser evitados dentro da comunidade. Outro trabalho desenvolvido com crianças, que tem maior relevância para a pesquisa em questão, foi realizado em Sathyanagar, pequeno assentamento de autoconstrução em Bangalore, na Índia, que se baseou em entrevistas, quando foram colocadas questões relacionadas à vida das crianças na comunidade, se gostavam de viver lá, o que gostariam de mudar e como enxergavam o futuro do lugar onde viviam. Após algumas conversas, as crianças representavam, por meio do desenho, o local mais importante do território. Como observa Chawla (2001), a partir de oficinas como estas é possível compreender as necessidades da comunidade de forma geral, e com a ajuda das crianças, reagir em resposta a uma série de solicitações individuais da comunidade.

Na Comunidade do Moinho, organizou-se atividades com as crianças de 9 a 12 anos, frequentadoras do Centro da Criança e do Adolescente (CCA) com o intuito de extrair desse grupo de crianças, a percepção deles sobre a comunidade. Para tornar a dinâmica possível, contamos com a ajuda de dois professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Daniela Getlinger e Rodrigo Loeb, e vinte alunos da faculdade de arquitetura e urbanismo do Mackenzie, além dos educadores e funcionários do Oratório São Domingos Sávio. Em duas manhãs, com as crianças do Moinho, aplicamos as metodologias propostas e conquistamos resultados satisfatórios para a pesquisa.

No primeiro dia, a atividade consistia em um passeio guiado pelas crianças pelo território, visitando os lugares onde costumam brincar. A cada lugar de brincadeira, uma nova história. A visita se iniciou no campo, que fica logo à frente do CCA, lugar preferido da maioria das crianças com que tivemos contato. Lá é o lugar que, embora degradado, se apresenta como o território com maior potencialidade para as brincadeiras. “Quando tinha grama, aqui era muito lindo, a gente brincava todo dia quando não estava chovendo. Mas de tanto os meninos correrem com chuteira de cravo, a grama ‘despedaçou toda”, relatou Esmeralda, uma das meninas que nos guiou pela visita. Logo após, visitamos o “Vermelhão”, um terreno vazio em depressão que devido ao barro espalhado por sua superfície, adquire a cor avermelhada. Lá, a brincadeira já é outra “A gente brinca de escorrega com garrafa de refrigerante”, disseram Maria Gabrielle e Telma. Perguntamos como elas faziam, e continuaram: “É só amassar a garrafa e sentar, aí a gente escorrega”. E no calor, o “Vermelhão” se transforma no espaço do churrasco das famílias da comunidade e da piscina coletiva das crianças. “A gente coloca uma caixa d’água ou uma piscina inflável e ficamos nadando”, contaram as crianças durante a visita. Continuando nosso passeio pela comunidade, passamos pelo “Roda Peão”, ruínas dos silos da antiga fábrica das Industrias Matarazzo, onde as crianças são os peões, correndo em círculos pela base que restou dos silos do antigo moinho. Como foi relatado por elas, o lugar já não possibilita mais a brincar porque se transformou em um grande lixão. Passamos pela “Pracinha”, o espaço coberto por um pergolado que costumava ser usado pelas meninas que brincavam de boneca, mas, na ocasião da visita, se encontrava abandonado e destruído. “Eu queria que voltasse a ser como antes, quando tinha banco, uma mesa, outro banco e os troncos em cima para a gente ficar brincando e conversando lá” relatou Mariana ao nos mostrar aquele espaço. Conhecemos a pracinha na terça-feira (09/04), quando voltamos na quinta-feira (11/04) o espaço já não existia, foi inteiramente removido para obra de realocação do muro da CPTM. As crianças nos levaram por vielas e travessias estreitas até “As pedras”, terreno baldio com escombros do prédio da Industria Matarazzo, que desabou em um incêndio no ano de 2011. Lá, as crianças que possuem a autorização das mães, escalam e exploram o território que a cada dia se

encontra mais perigoso, por ter se tornado local de descarte de entulho. Por último visitamos o “Fundão”, que, assim como o nome sugere, é o fundo da favela, atualmente murado. Antigamente, ali também era um lugar de brincadeira, de roda, corda, pique bandeira e pega-pega.

Após a visita de mapeamento, retornamos ao Oratório e realizamos a oficina de desenho. Pedimos para que as crianças desenhassem os lugares favoritos de brincadeira. A maior parte desenhou a quadra (40%), seguido pela própria casa (25%), “Vermelhão” (15%), “Pracinha” (10%) e por fim, empatados “Roda Peão” e “As Pedras” (5%). Foi através desses desenhos que percebemos a demanda pela revitalização da quadra, para torná-la um lugar apropriado para as brincadeiras.

Figura 05: Campo, local preferido de brincadeiras das crianças.



Fonte: Isadora Maia, 2019.

Figura 06 e 07: “Vermelhão” e “Pracinha”, outros locais de brincadeiras dentro da Comunidade.



Fonte: Isadora Maia, 2019

Figura 08 e 09: “Roda Peão” e “As pedras”, lugares perigosos que são utilizados para a brincadeira.



Fonte: Isadora Maia, 2019.

Figura 10 e 11: Crianças desenhando e nos explicando quais são os seus lugares favoritos de brincadeiras.



Fonte: Isadora Maia, 2019.

No segundo dia de visita ensinamos as crianças a usarem a trena e fizemos juntos o levantamento do espaço disponível para o novo projeto da quadra, que foi realizado pelos alunos do Mackenzie com o auxílio dos professores, Daniela Getlinger e Rodrigo Loeb. Acabado o levantamento, dividimos as crianças em três grupos e cada qual recebeu um mapa com a vista aérea do território da Favela do Moinho. O desafio era localizar os lugares que tínhamos visitado, apontar onde estava o Oratório, a casa deles, a entrada da Favela, os equipamentos de lazer e cultura que costumavam visitar, localizados fora dos limites da favela. A facilidade que as crianças tiveram em reconhecer os lugares no mapa foi surpreendente. Mapa pronto, fizemos uma roda de conversa com as crianças para nos explicarem o que tinham desenhado como lugar preferido de brincadeiras e mostrarem as informações que acharam importantes marcar no mapa.

Figura 12 e 13: Crianças ajudando a fazer o levantamento do terreno disponível para a quadra poliesportiva.



Fonte: Imagens autorais, 2019.

Figura 14 e 15: Crianças localizando no mapa os espaços de brincadeira dentro da Comunidade.



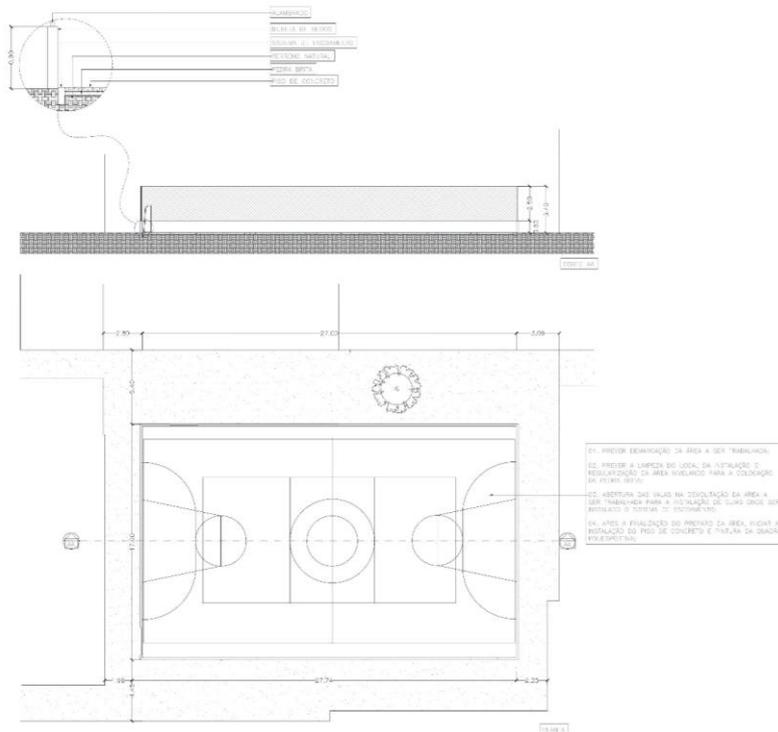
Fonte: Isadora Maia, 2019.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

As atividades realizadas com as crianças da Favela do Moinho demonstraram que os locais destinados às brincadeiras não são apropriados, por serem perigosos ou estarem degradados, e que o local de maior interesse das crianças é o terreno vazio em frente ao Oratório São Domingos, que hoje comporta um campo com infraestrutura precária. Em entrevista quando questionada sobre quais mudanças poderiam ocorrer na comunidade, a coordenadora do CCA, Élide de Freitas Fernandes, também mencionou a importância da quadra. “Eu mudaria muita coisa, ampliaria nosso atendimento, faria uma quadra de esportes, porque eu acho que o esporte tem poder de mudar a realidade. Então, eu colocaria um parque, com bastante flores, e colocaria uma quadra de esportes, se possível coberta, e de frente ao Oratório.” Dada essa demanda, em discussão com os alunos do Mackenzie e com a diretoria do Oratório, propõe-se o projeto arquitetônico de uma quadra poliesportiva cimentada.

Por meio de ateliê, os alunos sob a supervisão dos professores Daniela Getlinger e Rodrigo Loeb discutiram as melhores soluções, fizeram o orçamento e os desenhos técnicos da quadra, possibilitando uma futura realização da obra.

Figura 16: Projeto da quadra poliesportiva (sem escala) feito pelos alunos do Mackenzie com o auxílio dos professores Daniela Getlinger e Rodrigo Loeb.



Fonte: imagem autoral, 2019.

Figura 17: Foto montagem do projeto da quadra poliesportiva.



Fonte: Fotografia – Isadora Maia, Montagem – Isabella Matsuda, 2019.

O reconhecimento de uma demanda real do grupo de crianças frequentadoras do CCA da Favela do Moinho possibilitou aos alunos da faculdade de arquitetura e urbanismo Mackenzie, extrapolar os limites da academia transformando-se em uma atividade de extensão, ou seja, algo voltado para a comunidade. Alguns depoimentos dos alunos do Mackenzie relatam a importância deste tipo de contato com a comunidade.

“Ao entrarmos na comunidade fomos recebidos de braços abertos por todos, nos sentimos acolhidos e pouco a pouco cada criança foi se afeiçoando por cada um de nós, assim como nós nos apegamos a elas.

Nós, alunos do Mackenzie, tínhamos muito o que escutar e aprender com aqueles pequenos da comunidade, que estavam dispostos a compartilhar suas histórias e suas experiências. Seus olhos brilhavam ao nos contar com o que mais gostavam de brincar, que, hora era jogar bolinha de gude, hora era escalar as pedras sempre em um grupo grande. Eles foram verdadeiros ao máximo e em nenhum segundo deixaram de falar o que sentiam. ”

Caterina Olivi Tanaka, aluna de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

“ Lembro-me da sensação inicial ao chegar na entrada: medo do desconhecido, do diferente e do incerto. Ali, tive a clara noção que sairia da minha zona de conforto, e que talvez essa experiência me mudasse por completo, me fazendo refletir sobre certos padrões culturais e psicossociais, influenciando toda minha percepção e vivência cotidiana.

O primeiro contato com a comunidade foi simpático e de cara percebi a animação das crianças ao nos mostrarem os lugares que apresentavam potencialidades para serem exploradas como pontos de diversão e criatividade. ”

Ana Beatriz Carrion Alves, aluna de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

“Foi incrível e muito gratificante para mim a aproximação entre os alunos da arquitetura e as crianças do Oratório. Isto, não só porque conseguimos ter uma visão e entendimento muito mais fiel e próximo da comunidade do Moinho (que não seria possível se fosse apenas uma visita normal a campo), mas, principalmente, pois tive a oportunidade de participar deste projeto que, infelizmente é raro. ”

Dayane Caxeado de Souza, aluna de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciação científica realizada na Favela do Moinho possibilitou perceber a importância do investimento na primeira infância, através do entendimento de que as experiências desse período de vida desempenham um papel fundamental no adulto que aquela criança se tornará. Como observado por Bartlett, 1999 (apud GETLINGER e VIEIRA, 2018) questões de saúde, emocionais e de bem-estar, assim como a qualidade dos espaços públicos e a violência urbana atingem particularmente as crianças, que são mais vulneráveis às questões ambientais e mais suscetíveis a serem afetadas de forma permanente.

A arquitetura e o urbanismo têm papel crucial nesse investimento, afinal um ambiente seguro, saudável e agradável é capaz de gerar mudanças na vida de milhões de crianças em situação de vulnerabilidade, transformando dessa forma a sociedade como um todo.

Uma estratégia para realizar mudanças em prol das crianças em comunidades vulneráveis é envolvê-las no processo participativo, dando visibilidade aos problemas das crianças no planejamento urbano, ensinando a projetar revitalizações em ambientes de exploração, que pode se desenvolver através das brincadeiras, dando a capacidade de entendimento e preparando eles para ações comunitárias no futuro. Um processo que deve acontecer de modo sistemático e que produzirá resultados a longo prazo. (COSCO; MOORE, 2001)

6. REFERÊNCIAS

BARTLETT, Sheridan. Children's experience of the physical environment in poor urban settlements and the implications for policy, planning and practice. *Environment&Urbanization* Vol 11 No 2 October 1999. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/67c3/06443baf62b9e62b30bb3e7810894d0bc6e.pdf>. Acessado em: 25/03/2019

BERNARD VAN LEER FOUNDATION. Early Childhood matters: Advances in early childhood development. 2016. Disponível em: <https://bernardvanleer.org/publications-reports/early-childhood-matters-201>. Acessado em: 27/02/2019

CHAWLA, Louise. (edição). *Growing up in an Urbanizing World*. Paris/Londres: UNESCO/ Earthscan, 2002.

GETLINGER, Daniela; LOEB, Rodrigo Mindlin. A infância na Comunidade do Moinho. *Anais do V Enanparq*. Salvador, 2018. Disponível em: <https://www.enanparq2018.com/copia-resultados>

GETLINGER, Daniela; VIEIRA, Júlio. A vulnerabilidade infantil nos espaços urbanos da região do Glicério em São Paulo. *Anais do XVIII Enanpur*. Natal, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=154>

KOHARA, Luiz Tokuzi. Relação entre as condições de moradia e o desempenho escolar: estudo com crianças residentes em cortiços. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

LIMA, Mayumi Souza. A cidade e a Criança. São Paulo: Editora Nobel, 1989.

OLIVEIRA, Claudia Maria Arnhold Simões. O ambiente urbano e a formação da criança, São Paulo. São Paulo: Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

PEIXOTO, Nelson Brissac. Intervenções Urbanas: Arte/cidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013. 377p.

ROLNIK, Raquel. O que está por trás da remoção da Favela do Moinho. Rádio USP, São Paulo 06 jul. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/o-que-esta-por-Tras-da-Remocao-da-favela-do-moinho/> Acesso em 21/02/2019.

PARDO, Laura Paes Barreto. Dissertação mestrado: Dimensão do Território Vulnerável. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2017.

Contatos: juliacerperosa@gmail.com e daniela.getlinger@mackenzie.br